

FICÇÕES

Um Jovem, o Velho e um Livro ¹

Milton Hatoum

Para Maria da Luz e João Jonas

Ontem o Velho morreu. Dizem que ele passara dos noventa anos sem perder a noção do espaço e do tempo. Sempre usava um paletó branco e encardido, na lapela, um broto de antúrio que, de longe, parecia um objeto vermelho cravado no lado esquerdo do peito. De perto, o broto invocava um membro diminuto e obsceno que irradiava comentários maldosos.

Sabíamos pouco de sua vida: era um professor aposentado, solteirão e invisível nas noites de Manaus. Aos sábados, visitava filhos e netos de amigos, porque os amigos, mesmo, já repousavam no fundo do rio, como ele costumava dizer.

Fazia tempo que eu não o via, e não sei se ele teria reconhecido um dos meninos que o rodeavam para ouvir sua voz.

Eu o conheci em 1964, quando ele sentava em um banco da praça Balbi, contava histórias, gracejava com as garças e trocava olhares com os jacaretingas no laguinho, inertes como troncos apodrecidos. Quantas histórias! Sobre tudo trechos de uma ficção que ele recitava a conta-gotas. Lembro que, no fim dessa récita, minha infância dobrou a esquina e deu um salto de braços abertos no purgatório da vida e nas páginas de um grande livro.

¹ Originalmente publicada na revista *EntreLivros* (n. 13, maio 2006), esta crônica foi recentemente reunida em *Um solitário à espreita* (Companhia de Bolso, 2013).

Ontem era 30 de março de 1973. Eu morava em São Paulo e participava de uma festa maluca, em que o *rock* alternava com a bossa-nova e ninguém se entendia com ninguém, porque não valia a pena falar. Melhor ouvir música e dançar, não para esquecer, e sim para expelir a tristeza e a revolta dos que tinham ido à missa do sétimo dia de Alex, vulgo Minhoca: um estudante do curso de geologia (USP), executado covardemente em uma das celas sujas do subsolo da cidade.

Naquela noite, a dança e os sons foram interrompidos por uma chamada de muito longe, e a voz de minha tia informou, séria e sem tremor, que o Velho acabara de morrer. Disse assim mesmo: “O Velho da praça foi embora e vai ser enterrado amanhã”. Desligou antes de mim, não por pressa ou descaso, mas por ter sido sempre concisa e exata quando a notícia era alarmante. Então saí da festa e dos anos 1970 e caminhei na madrugada quieta do bairro paulistano ainda sem prédios, andando de volta no tempo e no espaço, lembrando as palavras do Velho na praça e sua caminhada à livraria Acadêmica, onde esperava os livros que iam chegar do sul.

O sul era o Rio, nossa ponte aérea afetiva e histórica, nosso destino sonhado na poltrona de algum *Constellation* da Panair ou *Super-G* da Real Aerovias.

No fim da manhã eu descia a escada do Ginásio Amazonense, enrolava a manga comprida da camisa suada, afrouxava a gravata e caminhava fardado e faminto na direção do banco sombreado por um *flamboyant*. Então o Velho falava de uma infância maior que o mundo, porque não era uma infância qualquer, e sim uma das mais poderosas e belas ficções autobiográficas da nossa literatura. Recitava com a memória de ator de teatro: a primeira lembrança era um vaso de vidro, cheio de pitombas, e em seguida, as caras e palavras insensatas, e assim o Velho ia desafiando cenas e seres em tempos e lugares entrelaçados. Isso me fascinava. Quantas vidas e dramas cabiam nas páginas memorizadas pelo Velho! Quanto sofrimento e humilhação! Quantas cenas de perplexidade, dor e brutalidade!

Tudo de cor e salteado, como se dizia.

Ainda se diz?

“A palavra foi feita para dizer.”

As palavras de *Infância* diziam um mundo desconhecido que transitava de Alagoas a Pernambuco e chegava ao Amazonas por meio de uma voz áspera. Um mundo povoado por personagens inesquecíveis: padres, professores, advogados, senhores de engenho, mucamas, sinhás, pequenos comerciantes, primos, tios, pais, avós, irmãos, uma bela irmã natural, crianças. E uma criança. Um menino perplexo, tímido e tantas vezes humilhado. Pequeno diante do mundo adverso, que aos poucos será nomeado por “sons estranhos, sílabas, palavras misteriosas”. E também por adjetivos, o sal que dá relevo e profundidade à matéria e ao espírito. O ex-professor, agora ator, havia decorado quadros inteiros do livro: “D. Maria”, “José da Luz”, “Jerônimo Barreto”, “Venta-Romba”, “A criança infeliz”. No entanto, o que mais me impressionou foi “O inferno”.

“A senhora esteve lá?”, pergunta o menino à mãe.

“Desprezou a interrogação inconveniente e prosseguiu com energia... Minha mãe estragara a narração com uma incongruência...”

Silêncio ou respostas arrevesadas, incompletas. O narrador adulto percebe que a explicação hesitante da mãe não passa de uma aporia. Mas há incongruência e dúvida em tudo, pois a memória não recupera o passado com exatidão: lembra e deslembra, diz e desdiz, afirma para negar ou contrariar. A memória é o lugar da hesitação e da ambiguidade: o móvel da imaginação. O movimento é sinuoso, construído por quadros que formam microcosmos, mas que se remetem a outros quadros e se relacionam com o todo. Uma técnica de montagem, arquitetura que lembra a de *Vidas secas*. Mas, em *Infância*, a vida se expande para fora e para dentro, como se fosse um mergulho nas brumas e na incerteza, no mundo hostil dos adultos, na escola, na casa, na fazenda, na cidade. Movimento de uma origem ágrafa à leitura e à escrita, que se tornam apuradas com o tempo e se constroem como visão crítica de si mesmo e dos outros.

Ter escutado essas histórias antes de ler o livro nesse mesmo ginásio me parecia um milagre. Até o dia — era meio-dia e nossas sombras pediam trégua — em que ele trouxe o livro e ofereceu-o ao grupo de ginásianos que iam lê-lo dois anos depois.

Quanto tempo, Velho. Você não foi meu professor, mas lançou ao ar palavras que nos atraíram para sempre. No centro da praça e na hora mais escaldante, você estava lá, suportando olhares e comentários: “Vai ver que está biruta ou senil, vai ver as duas coisas”.

E você nem ligava para essas vozes.

“Querem saber mais do Graciliano? Leiam *Angústia*. Assim, de memória, só sei pedaços de *Infância*. De tanto ler, de tanto viver... Porque vim de lá, sou de lá. Fui aquele menino.”

Pensava nisso naquela madrugada de 1973, caminhando na calçada do bairro silencioso até subir uma rua íngreme para depois descer na escuridão de breu e entrar na casinha verde onde morava.

Temia que fantasmas diabólicos me perseguissem: quem não via camburões e vultos armados naquelas noites de medo?

A música da festa se apagou, os pares dançantes sumiram, não lembro se fazia frio ou calor, mas não podia ser uma noite amena. Ainda fiquei espreitando o silêncio, à espera da manhã, a voz da minha tia ecoando no meio de imagens, o tempo galopando de 1964 até 1973 e as duas figuras misturando-se na minha memória: o jovem Alex, tombado para sempre, e o Velho no velório, em Manaus.

Pensando e lembrando até o amanhecer, quando abri todas as janelas para clarear o fundo da sala. Só então sentei na soleira da porta e abri o livro roto do velho Graça.

Quem já não esteve no inferno?